

Ponte suspensa sobre o Ave — Desenho de Nogueira da Silva

De todas as obras d'arte ultimamente feitas nas estradas do reino, nenhuma ha mais elegante, e de tão singular construcção como esta ponte, obra toda nacional dos bem conhecidos engenheiros portuguezes, os srs. Belchior José Garcez e Sebastião Lopes de Calheiros, por conta da companhia *Viação Portuense*.

Por vezes temos fallado, com o merecido louvor, dos beneficios que a provincia do Minho deve a esta patriotica e desinteressada companhia.[1] E agora recommendâmos a todos os amigos do progresso nacional, a leitura do opusculo publicado no Porto em 1853 sob este titulo: *Duas palavras ácerca da* Companhia Viação Portuense, *pelos engenheiros da companhia, S. L. de Calheiros e Belchior J. Garcez.*

Ahi está a historia das vicissitudes por que passaram as obras publicas em Portugal desde 1837; e mui por menor tudo quanto fez a companhia *Viação Portuense*.

Antes, porém, de tratarmos da ponte pensil do Ave, oiçamos o que sobre este rio escreveu um dos nossos mais notaveis geographos.

«Na provincia de Entre Douro e Minho, bispado do Porto, n'um sitio chamado «Pé de Cão», nas vertentes da serra de Cabreira, nasce o rio Ave, assim denominado, talvez pela grande ligeireza de seu curso, ou pelas muitas aves que se criam nas suas aprazíveis ribeiras.

Na sua origem não é muito caudaloso, mas notavelmente inquieto e ruidoso, por correr entre penedia crespa da citada serra, que fica a umas cinco legoas distante de Guimarães.

Lança-se de nordeste a sudoeste, e, em distancia de poucas legoas da sua fonte, toma forças com as muitas aguas de outros rios que vae recolhendo em si, sendo o primeiro Fafe, que nasce acima de Guimarães, e o Selho, que, mettendo-se por baixo de uma grande rocha em fundo sumidoiro, a que os moradores da villa chamam Sumes, se vae encorporar com elle, depois de ter caminhado quasi legoa e meia pela parte do norte. Recolhe tambem o Vizella, que é o maior dos que n'elle entram, pouco mais de duas legoas abaixo de Guimarães, no sitio que vulgarmente chamam «D'entre ambas as aves», pela parte do sul: e mais o Pé ou Pelle, o Landim, o Covellas, o Pombeiro, o ribeiro da Aldeia, e o Déste ou Aléste, que tem origem acima de Braga, e se mette no Ave junto de villa do Conde.

Morre o Ave no Oceano, entre as villas do Conde e Azurara, depois de ter andado mais de quatorze legoas desde a sua nascente.

Em toda esta distancia tem o rio Ave seis pontes de pedra: a primeira é a de S. Bento de Donim; a segunda de S. João, entre Braga e Guimarães; a terceira de Cerva, uma legoa abaixo d'esta villa; a quarta é a de ponte Nova; a quinta a de Lagoncinhos, que ou dá ou recebe o nome de uma imagem de Nossa Senhora que com este titulo se venera n'aquelle sitio; finalmente, a sexta, que se chama ponte do Ave, e fica a uma legoa distante da barra de villa do Conde.

Passa o Ave pelos logares da Retorta, Tongues, Macieira, Fornello, Guidões, Trofa, Sant'Iago, S. Martinho de Bougado e Ribadave. Tinha duas barcas de passagem, uma no logar da Trofa, e outra entre as villas de Azurara e do Conde, postas pela camara,

[1] Vid. especialmente o artigo a pag. 364 do vol. IV.

mas o rendimento era das freiras da mesma villa, as quaes por vezes se oppozeram ao intento dos povos que pretendiam fazer setima ponte, com o justo fundamento de ser alli mais necessaria para a communicação dos logares visinhos.

No sitio em que havia a barca da Trofa é que se construiu a elegante ponte suspensa que representa a nossa gravura. E em vez da segunda barca ha hoje uma ponte de madeira.

É o rio Ave navegavel, e capaz não só de lanchas de pescar, que sáem até ao mar alto, mas de hiates de Setubal, e de alguns navios de pequeno porte, que em bastante numero, assim portuguezes como estrangeiros, vão negociar com os moradores das villas do Conde e Azurara.

Este rio é muito abundante de peixe de differentes especies, principalmente de lampreias, saveis, barbos, trutas, relhos, escalos e de bogas, que são as mais celebradas de todo o Minho, assim na grandeza como no sabor.

As ribeiras do Ave todas são cultivadas, e grande parte assombradas de muito e antigo arvoredo, o que as faz summamente aprazíveis e deleitosas.

Ptolomeu chama a este rio *Avus*, e lhe dá a primazia sobre muitos outros da Lusitania, assim pela abundancia e qualidade das aguas, como pela amenidade das suas margens; e diz que elle corria á vista da famosa cidade de Cinania, que é, sem duvida, a de que ainda se vêem umas escassas reliquias no sitio a que aquelles povos, com pouca corrupção, chamam Citania.»

Sobre a novidade do desenho e estructura d'esta formosa ponte pensil, e das suas dimensões, leâmos o que nos dizem seus auctores, os insignes engenheiros Garcez e Calheiros, no já citado opusculo:

«Adoptámos a fórma de torres, depois de muito pensar na mais adequada ás columnas de suspensão, e de combinarmos tal assumpto com os srs. engenheiro fiscal por parte do governo, e directores da companhia. Effectivamente, sendo, como é, invariavel o vão da ponte, 85^m,38, determinada por conseguinte a flexa dos cabos, que é de 6^{m}56769, fixada fica em 7.56769 a altura das mesmas columnas, egual áquella flexa, e mais a do estrado da ponte, e altura da primeira tige.

«Por mais humilde ou livre que fosse a ordem que adoptassemos, o módulo era sempre diminuto em relação á resistencia que importa ao apparelho de suspensão. De mais, a qualidade da pedra, não se prestando a delicado ornamento, sem a irmos procurar a legoas de distancia, nem convindo envolver a companhia em consideraveis dispendios de fundição, fomos como que compellidos a dar ás nossas columnas de suspensão a fórma de torres antigas, por meio das quaes obtivemos a resistencia necessaria com o minimo dispendio, imprimindo-lhe um aspecto de novidade que agradou. De facto os porticos, as columnas de qualquer ordem, os obeliscos de pedra, ou ligeiras columnas de ferro fundido, tudo seria imitação de outras pontes n'este genero».

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Vid. pag. 146)

A voz publica espalhava que o marquez de Liche tinha ordem para pedir um soccorro de tropas a Portugal, e declarar que se dentro de 15 dias não acceitassem a paz, o embaixador de Inglaterra se retiraria.

N'esta conjunctura, o enviado francez consultava para o seu governo que lhe parecia a proposito pozesse em Lisboa todo o dinheiro que a Portugal devesse dos subsidios tratados. Lembrava tambem lhe concedesse poder para concordar ácerca da somma sobre que havia contestação; porque, na hypothese de se não fazer a paz, Portugal teria precisão d'elle para a campanha, não havendo então tempo para o mandar vir, nem para emprehender coisa alguma. Sobre esta materia o governo portuguez permanecia silencioso, o que desagradava muito a Saint-Romain, fazendo-lhe crer, que mais se pensava em paz do que em guerra.

No conselho de estado, como já dissemos, havia quatro membros que não iam muito para o lado da França, n'estas demoras da paz. Eram o duque de Cadaval, os marquezes de Gouveia, o de Cascaes, e o secretario de estado ainda mais para temer que qualquer dos outros. Nenhum se podia ganhar por dinheiro, ou d'outro modo (dizia o abbade), e só a rainha de Portugal teria artes para dispol-os ou moderal-os.

O duque de Cadaval era procurador da rainha no seu processo de nullidade de matrimonio, e pretendia casar com a irmã bastarda do infante, que estava n'um convento sem ter ainda professado. Tambem se dizia pretender, n'este caso, serem elle e seus filhos declarados successores do reino, depois do principe e seus descendentes.

O marquez de Gouveia pretendia conservar o cargo de mordomo-mór da casa real, e outros.

Um e outro queriam conduzir-se de modo que adquirissem o favor popular e o do secretario de estado para conseguirem seus fins.

A rainha e o infante tinham procurado demorar a saida da fragata franceza até ao 1.º de fevereiro para expedirem n'ella o enviado de Portugal; mas os partidarios da paz retardavam o despacho de Duarte Ribeiro para ouvirem primeiro os termos das propostas de Hespanha, e com elles informarem Luiz XIV.

O fim principal do partido francez era demorar ou impedir que os hespanhoes retirassem das fronteiras tropas que podessem empregar contra a França, ou em Flandres, ou na Catalunha. Nenhuma das eventualidades esquecia Saint-Romain, e para lhes preparar d'antemão correctivo, tratava de reunir e disciplinar os camaristas e todos os da camara do infante, para impedir, com esta opposta influencia, que os partidarios da paz andassem tão apressados. Dizendo-se e temendo-se mesmo que os hespanhoes, por um accordo e sob palavra particular, retirassem desde logo das fronteiras portuguezas todas ou a maior parte das suas tropas, Saint-Romain velava junto ao principe e junto ás côrtes, para que ao menos se conservasse o *statu quo* em quanto as mesmas cortes se não encerrassem, e o casamento da rainha com o infante se não fizesse. Só n'este fundava esperanças para melhorar na corte a situação das idéas e interesses da França.

Se os portuguezes precipitassem a negociação da paz, era o abbade de opinião que de França viessem, com a possivel antecedencia, embarcações para reconduzir as tropas francezas que estavam em Portugal, e aproveital-as na seguinte campanha contra a Hespanha.

Em tantas diligencias do enviado francez só o ajudava activa e efficazmente D. João da Silva, homem nobre, de merito na guerra e membro das cortes no braço do povo, onde tinha disposto os espiritos com tal arte, que a maior parte dos deputados já diziam que queriam paz, mas em termos e honrada. Bani tinha sabido ganhar tambem para a França alguns deputados do clero. Schomberg, que lhe podéra servir de muito, apenas convalescia então de uma longa doença. D. João da Silva, filho segundo e com poucos bens, estava no caso de possuir beneficios sim-

ples. Saint-Romain propunha a Luiz XIV que reconhecesse os serviços dos dois primeiros.

É de 30 de janeiro a resposta que Saint-Romain deu á carta que o secretario de estado lhe escrevêra no dia 27. Eil-a:

«Senhor: — Recebi a vossa carta de 27 d'este mez. Esta communicação de quanto se passa ácerca da paz, sendo de obrigação, e entre amigos e alliados, para um negocio commum e de tamanha importancia, deve ser ampla e plena, e mui satisfeito ficaria se podesse ver copia das cartas de crença, e da memoria que o embaixador de Inglaterra apresentou. Confessó que a data não é de consideração nas cartas de crença d'este ministro, cuja qualidade e empregos são bem conhecidos. Mas se os seus poderes para prometter a garantia del-rei seu amo, eram como as suas cartas de crença datadas do mez de fevereiro do anno de 1666, pouca segurança haveria em tratar a tal respeito, porque depois d'esse tempo se fez, consentindo el-rei de Inglaterra, a liga entre a França e Portugal, e grandes mudanças tem sobrevindo nos interesses de sua magestade britannica, reconhecendo este mesmo embaixador, em conversação que teve com o senhor conde de Schomberg e com o senhor conde de Rauzan, que o tratado de alliança, que por intermedio do senhor de Ruvigny se discute em Londres, entre a França e a Inglaterra, estava em bons termos e mui adiantado. Bastava só esta consideração para não se darem aqui tamanha pressa, antes procurassem primeiro conhecer as actuaes intenções de sua magestade britannica, que, se já estivesse feito e assignado o tratado de liga com el-rei christianissimo, sem duvida rejeitaria o que em contrario o seu embaixador aqui houvesse feito ou promettido.

«Sinto muita satisfação em que o principe se não dê pressa em responder ao embaixador de Inglaterra, porque n'este negocio não é de mais a demora, o respeito e a consideração que se faz em o tratar, já que o tempo vae cada dia restabelecendo a verdade e descobrindo os artificios dos homens.

«N'esta grande deliberação vós, sem duvida, representareis ao principe, que o finado rei seu pae, cujo prudente juizo deve ser respeitado de todo o mundo, procurou em toda a sua vida a alliança da França, que hoje querem alguns que se rompa e se despreze. Esse grande principe enviou diversos embaixadores, e lá offereceu empregos e milhões para obter a mesma alliança, crendo que só ella podia salvar Portugal na guerra e na paz. Deveis dizer-lhe mais, que a ameaça dos castelhanos de interromper toda a negociação de paz, se não a acceitam dentro de quinze dias, é ridicula e injuriosa na boca dos que pedem a paz por necessidade. Os castelhanos não são os romanos, para cerrarem d'este modo os reis n'um circulo breve e dar-lhes a lei. El-rei de Portugal não é um rei contingente da Asia, para soffrer isto e obedecer. Admira que a Hespanha não se lembre agora, que querendo outr'ora tratar assim pazes com os hollandezes, nunca póde fazer-se ouvir senão depois de lhes ter dado uma declaração em que os reconhecia povos livres e soberanos, sobre o que nada disputava; e então estava florescente, e tinha um rei de maior edade e grande principe!

«Vós fareis considerar o principe, que o temor e necessidade que hoje forçam os castelhanos a vir aqui offerecer a paz expondo-se a uma recusa, não passarão em quinze dias; pelo contrario crescerão incessantemente; e, mal S. A. declare, como deve, que não quer esta paz indigna, elles offerecerão *in continenti* uma paz commum. A sua necessidade extrema é conhecida, confessando-a elles proprios, como ousam allegal-a como razão para obrigar Portugal a romper com a França?! Quando mesmo não houvesse tratado de alliança, sempre Portugal seria obrigado a inclinar-se mais aos interesses da França que aos de Castella. Se é da conveniencia dos castelhanos precipitarem este tratado, para se servirem contra os francezes na proxima campanha das tropas que tem nas fronteiras d'este reino, nem á França nem a Portugal é conveniente que elles o façam.

«Direis ao principe, que sois testimunha de que, de todos os principes da christandade, só os reis de França tem sempre auxiliado este reino; que lhe deu meio de se restabelecer com os auxilios directos e com diversões feitas ás forças do seu inimigo; e que hoje mesmo, se lhe offerecem a paz, é isso effeito da alliança e da guerra de França; pelo que fôra mui injusto e imprudente offender de moto proprio, depois de tantos beneficios, tão grande principe como el-rei christianissimo, tanto pela sua pessoa como pelo seu poder.

«Rogo-vos que façaes tambem lembrar a S. A., que poucos dias depois de haver assumido o governo, com voto do conselho e de seus principaes servidores, confirmou o tratado de liga com a França. Quando então se enviou o senhor Verjus a Paris, elle lhe deu ordem assignada pelo seu proprio punho para assegurar a el-rei christianissimo, que guardaria esse tratado fielmente, além da carta que directamente escreveu a el-rei meu amo para o mesmo fim, e para lhe dar parte do seu governo. Ainda a 13 d'este mez vós me assegurastes, por seu mandado, n'um escripto nos termos mais energicos que se podem desejar, que se S. A. faltasse a tantas palavras terminantes e a tantas obrigações, não haveria de futuro quem quizesse tratar com elle; e que os castelhanos teriam n'isso um bello exemplo de quebrantamento de fé e de palavra, n'um principe que a teria quebrado a seus alliados e bemfeitores sem nenhuma necessidade. A paixão dos povos d'este reino pela paz, que alguns quereriam tomar por pretexto para desculpar essa falta, é uma causa frivola, leviana e sem fundamento. Se confessam, pela experiencia d'estes ultimos tempos, a prudencia e circumspecção do povo portuguez; se elle deseja a paz, bem sabe que é ao principe e ao conselho que toca preparal-a e fazel-a a seu tempo, e do modo que julgarem a proposito para o bem e segurança do reino. Os deputados dos Tres-Estados e a maior parte do povo dizem bem alto n'esta cidade, que, pois que el-rei christianissimo deseja a paz, e quer mandar aqui seus plenipotenciarios tratarem d'ella, nada se deve fazer sem que elles cheguem. A mesma coisa escrevem das provincias, dizendo que não ha exemplo de que a nação portugueza quebrasse, ou violasse nunca a sua fé ou os seus tratados, e que o que os partidarios de Castella podem dizer ou fazer é vão e inutil, porque nada póde apartal-a do respeito que merecidamente tributa ao principe, e de que todos os dias dão os maiores testimunhos que se podem dar.

«Em fim, vós fareis o favor de representardes a S. A. que, se lhe offerecem a garantia de Inglaterra como segurança da paz com Castella, deve considerar que a auctoridade do rei de Inglaterra é restringida e limitada pela do parlamento; que S. M. britannica nem póde levantar dinheiros, nem declarar a guerra por seu proprio arbitrio, nem soccorrer este reino mais que por mar, e que por estas rasões não póde o principe estar seguro de receber aqui a proposito e em ponto dado os seus soccorros, no caso de necessidade; e que convindo a el-rei christianissimo conservar este estado separado do de Castella, ainda mais lhe conviria juntar e annexar os Paizes-Baixos á França, se Portugal lhe désse justo motivo de não ter mais em consideração os seus interesses e amizade; e não se póde duvidar que a Hespanha désse de boa vontade os Paizes-Baixos para adquirir Portugal. Em Lisboa a 30 de janeiro 1668.»

Quanto se passou no conselho de 30 de janeiro tudo a rainha communicou a Saint-Romain.

Leu-se n'elle um projecto de carta feito pelo secretario de estado para convidar o rei de França a enviar a Lisboa poderes ou plenipotenciarios para tratarem a paz. Houve opposição a isto. Diziam alguns que, depois de feito este convite, não pareceria conveniente tratar, até que se recebesse resposta ou poderes do rei, quando a intenção de Portugal era tratar sem essa dependencia, tanto que já se fallava na escolha de commissarios e se propunham em particular ao principe, para esse fim, o duque de Cadaval, os marquezes de Marialva e de Niza, e o conde de Miranda.

Depois de sair d'esse conselho, Pedro Vieira foi ao castello de S. Jorge, visitar o marquez de Liche sob pretexto de lhe perguntar se tinha poderes para tratar tambem com a França; mas na realidade o que o secretario de estado queria descobrir eram as ordens que o marquez tinha, e os seus poderes no tocante á paz de Portugal, recebendo estes, ou obtendo d'elles copia, para os mostrar. O marquez conheceu o fim e acautelou-se, protestando que não mostraria nem entregaria os poderes, sem que se houvesse tomado a resolução de tratarem tudo com elle; acrescentando que a França, que faltava sem o menor escrupulo ao tratado dos Pyreneus, e a todos os outros, não devia agora deter Portugal, nem impedil-o de receber a paz.

Em 31 de janeiro o principe viu a resposta que o enviado francez dera ao secretario d'estado, e pareceu ficar impressionado. Saint-Romain assegurava á sua corte saber de boa fonte, que D. Pedro se impacientára tanto com Pedro Vieira, que chegára a dizer-lhe que o faria deitar por uma janella fóra, se lhe fallasse mais em fazer a paz d'aquelle modo, porque não a queria sem a França. Entretanto, quando estes movimentos de colera passavam, deixava dominar-se e vencer-se facilmente, e tanto, que o velho secretario respondêra a insolencia com insolencia, dizendo-lhe, que se não queria fazer a paz, ella se faria sem elle, porque elle secretario não queria ser queimado em casa pelo povo.

Era por isto que Saint-Romain procurava ver o principe com a maior frequencia, excitando-o, fallando-lhe no interesse da sua honra, e na consideração devida á rainha, que por elle tinha sua palavra empenhada, a que elle se conservaria fiel ás idéas francezas.

Este estado de coisas fazia necessario procurar um expediente em que se cumprisse com o que se devia á França, mas que se conservasse a liberdade de negociar com a Hespanha, mesmo em quanto não viesse resposta do rei christianissimo. Não seria facil achar esse meio, porque Saint-Romain aproveitava todas estas incertezas, procurando mesmo multiplical-as e eternisal-as. Não acceleráva nem a partida da fragata franceza, nem a de Duarte Ribeiro: todo o seu empenho parecia ser impedir qualquer deliberação, até ganhar o tempo da proxima campanha, e do casamento da rainha. Ia n'isto com elle o marquez de Marialva, que declarára á rainha, que se fosse, como esperava, nomeado plenipotenciario, faria que a negociação durasse muito tempo. Na opinião do enviado, era em taes circunstancias que convinha empregar o dinheiro francez. Ousou tudo! Quiz até descobrir os canaes por onde levasse esse meio de suborno aos dois marquezes e ao conde, preconisados negociadores com a Hespanha. Se o conseguisse ganharia sem difficuldade tempo, que era então o principal, porque depois do casamento da rainha esperava que o principe se governaria por meio d'ella.

Pedro Vieira, havendo-se com doblez não inferior á do legado francez, disse em termos expressivos ao conde de Schomberg, que era preciso que elle o fizesse amigo de Saint-Romain. Não se conheciam um ao outro! O secretario pensava que o abbade procurava accelerar o negocio da paz, mas a verdade era, que Saint-Romain não ia tão depressa como elle pensava. O francez aproveitou-se entretanto d'este passo dado para elle. Procurou o secretario e testimunhou-lhe que desejava ardentemente a sua amizade. Queriam mutuamente enganar-se!

Em fim tratou-se de despachar para França Duarte Ribeiro: queria o governo portuguez fazer quanto fosse possivel para contentar el-rei christianissimo: promettia quanto á paz nada tratar que não fosse pensado maduramente.

Aqui tinham chegado os preliminares da paz quando se pensou em proclamar rei o infante. No braço do povo só houvera cinco votos contra a idéa. Nos do clero e da nobreza parecia encontrar maior resistencia.

(Continua) JOSÉ DE TORRES.

EGREJA DE S. VICENTE DA CHÃ

Pouco mais de 3 kilometros ao sul da villa de Montalegre, em sitio plano, está a pequena aldeia de S. Vicente, cercando, pelo lado do nascente e do meio-dia, um antigo e espaçoso templo dedicado ao inclyto martyr S. Vicente, o qual dá o nome á povoação e á parochial que é a sua séde.

Consta esta freguezia de nove logares com 280 fogos e 1.342 almas; occupando a extensa área de uns 36 kilometros quadrados, proximamente, em terreno menos montuoso que o das outras freguezias de Barroso, o que a faz ser designada pela denominação de Chã.

É cortada esta aldeia de N E. a S O. pelo Regavão, o qual correndo aqui minguado de aguas, a poucas legoas de distancia, e proximo da sua confluencia no rio Cávado, fórma, sob a celebrada e pittoresca ponte de Misarella [1], essas cachoeiras ou saltos que tanto attrahem a attenção dos viajantes.

O solo d'esta povoação, apesar de plano, é desabrigado, e em geral frio: produz centeio, linho, batata, algum milho, pouco trigo, e bom gado.

A egreja parochial (que a nossa estampa desenha), reedificada modernamente, á excepção do frontispicio e do ultimo terço do corpo, conserva ainda vestigios da architectura que dominava nos primeiros seculos da monarchia. Contemporanea do mosteiro de Santa Maria de Junias de Pitões, d'este mesmo concelho de Montalegre, e da egreja de S. Salvador de Viveiro de Covas, no de Boticas, mostra na fachada, apesar de suas acanhadas dimensões, nos arabescos que orlam o arco da entrada principal, na ogiva e outra janella circular que dão luz para o côro, uma antiguidade de 600 a 700 annos. Ao menos similha as fundações d'essa epocha em que predomina o mesmo estilo architectonico.

São porém de architectura moderna, a capella e altar-mór, bem como a sua tribuna, quatro altares collateraes, o côro, etc. Estas reconstrucções do principio do seculo actual, com outros melhoramentos que se lhe tem feito nos ultimos vinte annos, tornaram esta egreja uma das melhores e mais aceiadas do arciprestado de Montalegre.

S. Vicente da Chã foi mosteiro, como se lê no livro censual da sé primacial de Braga, e n'outros antigos documentos. É tradição que fôra dos templarios, confirmada pelo nosso chronista Duarte Nunes de Leão, o qual diz, que na doação feita por el-rei D. Diniz dos bens dos templarios á ordem de Christo, por elle instituida, fôra exceptuado o mosteiro de S. Vicente da Chã e outro. O que é certo é que desde remotos tempos foi annexado ao mosteiro das freiras de Santa

[1] Proximamente daremos a vista d'esta notavel ponte.

Clara de villa do Conde, e depois formou esta egreja, com as duas annexas de Negrões e Morgade, e o logar de Codeçoso, pertencente á parochia de Meixido, uma commenda que rendia para aquellas religiosas 1:400$000 réis. D'esta somma se deduziam para congruas e fabricas 400$000 réis, ficando-lhes liquido um conto de réis.

Hoje S. Vicente da Chã é abbadia de recente data, com 260$000 réis de congrua, e 50$000 réis para um coadjutor.

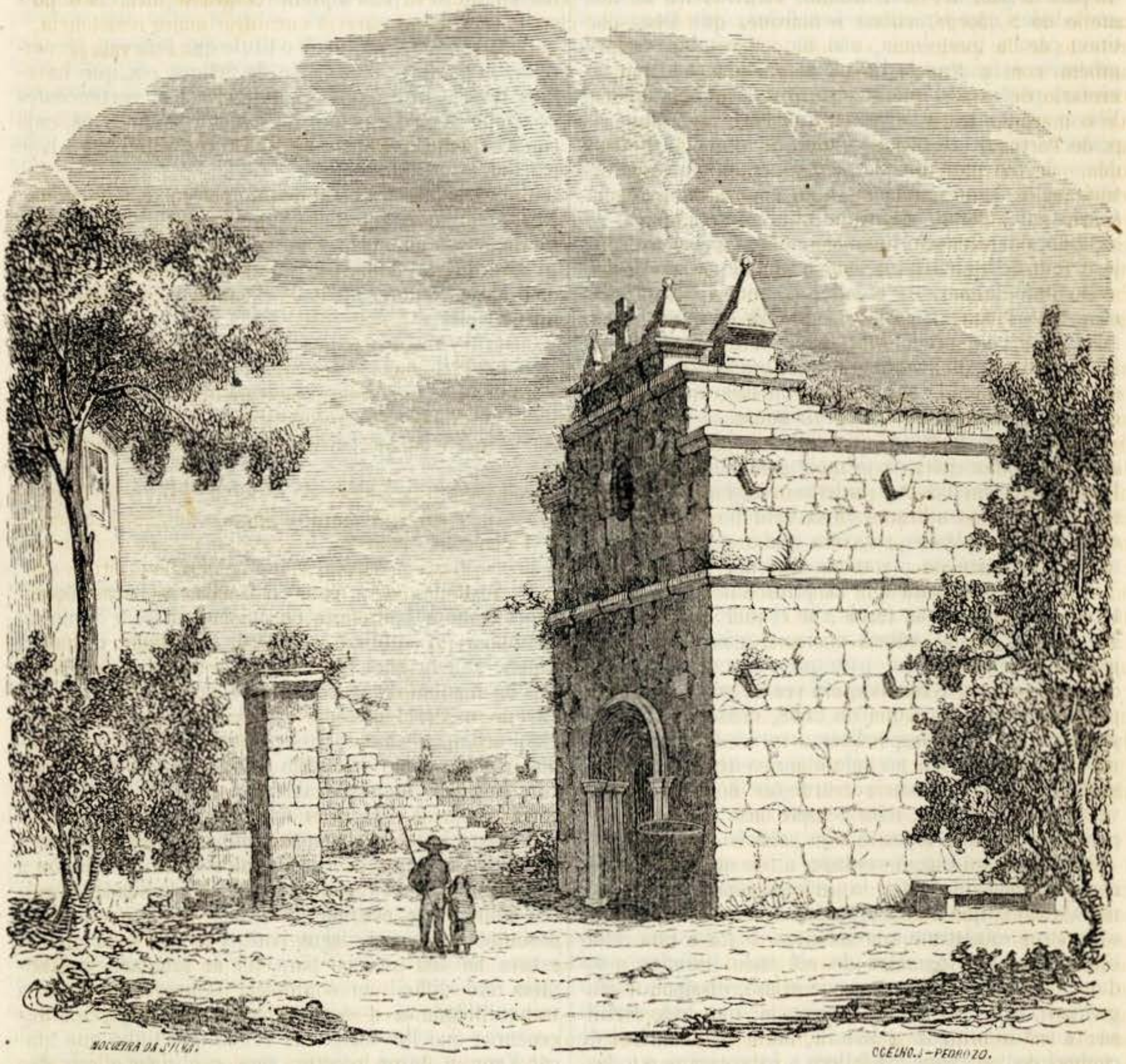
J.ª Adão M. S.

O rev. abbade d'esta freguezia, cujo artigo se acaba de ler, podia tambem notar como testimunho da antiguidade da sua egreja, o ter a pia baptismal fóra do templo, segundo a liturgia antiga, em que o baptisterio era no adro.

SCIENCIA POPULAR

I

Um mestre curioso e instruido em tudo encontra aso para doutrinar. Tudo está em tudo, dizia Jacotot; se por ventura é excessivo o aphorismo, é pelo menos innegavel que raro será o ponto de doutrina, que, por mais pequenino, leve e futil que pareça, não encerre outros; e n'esses, outros novos, e assim uma geração infinita. No ir ás idéas associadas, e no discretamente escolher d'entre ellas as de mais tomo, é que está o segredo de ensinar em pouco tempo, muito e bem, e com delicias de parte a parte.



Egreja de S. Vicente da Chã, desenho de Nogueira da Silva segundo um esboço de Lopes Mendes

Assim se expressava o nosso bom mestre e amigo o sr. Antonio Feliciano de Castilho no seu precioso e amenissimo methodo portuguez, aconselhando aos mestres d'instrucção primaria que se tornassem dignos da sua sublime missão, dando aos discipulos, com o ensino das primeiras letras, menos saboroso e appetecivel na infancia, noticia de muitas coisas uteis e curiosas, germens de infinitos conhecimentos futuros, estimulos suaves para estudos mais serios na edade viril, antegozos da sciencia e da felicidade, de que a instrucção é mãe.

Infelizmente, a maior parte dos mestres e dos paes, ou não leram ou não tem querido adoptar os philosophicos e amorosos alvitres que, a bem da puericia, que é a geração futura, de cujos destinos, em grande parte, somos arbitros, lhes propoz um dos maiores amigos da humanidade que ora existe em Portugal.

Nas escholas, que deveram ser ninhos alegres e attrahentes, em que o professor, como pae amabilissimo e desvelado, se empenhasse em fazer passar rapidas e saudosas as horas do estudo, amenisando-o

com agradaveis e instructivas diversões, e tornando-o com innocentes astucias menos agro e fastidioso aos pequeninos, reina ainda o systema afugentador da disciplina militar, com os seus gritos rouquenhos, com a sua insupportavel immobilidade, com o seu respeito mantido pelo temor, com a sua quasi completa subjeição da intelligencia e da imaginativa, com as suas monotonas e interminaveis repetições de aridas e quasi estereis soletrações e leituras, e com a horrenda, ferrea e ignobil palmatoria, a que, por um requinte de barbaridade, chamám epigrammaticamente — menina dos cincos olhos — devendo antes chamar-lhe — hedionda esphinge.

Na casa paterna, no lar domestico, entre os afagos de paes e parentes e as infantis alegrias dos da mesma edade, que tamanhos beneficios, que Deus destinou para a innocencia, não são substituidos ou pela grosseria e ignorancia da plebe, ou pela não tão dolorosa, porém não menos esterilisadora indifferença! Vivem contentes e alegres, folgasãs e despreoccupadas as criancinhas, crescendo no physico, fortificando-se de dia para dia, desperdiçando em futeis entretenimentos tempo preciosissimo, com a intelligencia, fraca ainda, porém mais que nunca fresca, pura, receptadora de tudo, e de tudo guarda fiel e avara, a jazer em ocio completo, em pousio lamentavel!

De tudo fallam, é verdade; de tudo se lhes falla; escutam as conversações e palestras dos que já pela edade, já pelo predominio que sobre ellas tem, se lhes afiguram, mais que mestres, oraculos; mais ainda que oraculos, deuses; mas de tudo que dizem e ouvem pouco ou nada comprehendem.

Como terra sequiosa, que recebe ávida, e em si esconde, rapidamente, os primeiros orvalhos que o ceo lhe envia passados os ardentes sóes do estio, assim recebem e enthesouram lá bem no fundo d'alma os meninos, todas as palavras que aos seus e aos estranhos escutam no alvorecer da vida.

E assim como para que as primeiras aguas do outomno beneficiem as terras, se requer que, além da sua boa qualidade, cáiam manso e manso, como que joeiradas pelas nuvens, para que o seu peso e quantidade não arrase e revolva, em vez de suavemente humedecer e nutrir; e que de mais, venham a espaços para que se não desperdicem, correndo caudalosas, mas todas penetrem no solo e aproveitem; do mesmo modo deve ser a primaria instrucção: boa, tenue, suave, agradabilissima, mas sempre aos poucochinhos, para que de todo o ponto seja proficua.

Mas, digâmol-o com verdade, ainda que as faces nos córem: nada ha mais imperfeito, mais superficial, mais vicioso que a educação que a mór parte dos paes e mestres ministram aos infantes. Falta a uns intelligencia, que á maneira do sol tudo illumina e todas as trevas, por espessas que sejam, dissipam e afugentam; falta aos outros a sciencia, que tudo fertilisa; a estes mingúa a leitura, fonte inexhaurivel de conhecimentos; áquelles fallece a inventiva, e a todos, quasi, por muitas e variadissimas causas, mais especiosas, que reaes, falta, desgraçadamente, a vontade de ensinar os ignorantinhos, e de semear sciencia, gloria, venturas, riquezas, amor, e virtudes na mente virgem das criancinhas de hoje, dos magistrados, dos sacerdotes, dos medicos, dos poetas, dos artistas, dos legisladores de ámanhã.

Peccaminosa e imperdoavel falta é a dos que condemnam ás trevas de muitos annos intelligencias que almejam por ver a luz, e que deixam andar esfaimados os espiritos para que superabunda o alimento.

Se, pois, muitos paes e mestres esquecem seus sacratissimos deveres e prejudicam o futuro de seus tutelados, acudâmos nós a uns e outros com remedio tão efficaz quanto seja possivel dar-lhes.

Se ao pulpito só podem ascender os ungidos do Senhor, para exporem a sciencia do ceo; se á tribuna parlamentar só tem direito de subir os representantes do povo, para tratarem assumptos de publico interesse porém superiores á comprehensão de muitas pessoas; se para ouvir os sabios nas escholas e academias é mister opportunidade, que nem sempre ha, e habilitações, para entendel-os; se no trafego das lides partidarias, ainda toda absorta a imprensa politica; se nem o folhetim, ao menos, sacrifica as louçainhas frivolas, com que se arrebica, á sciencia amena e util; aproveitemos o jornal, que a todos instrue e alegra, deixando tranquillas as consciencias e educadas as mentes, para conversarmos com os que desejarem saber muita coisa e fazer abundante peculio de verdades, uteis para si e para aquelles a quem quizerem depois communical-as.

Começaremos, pois, sob o titulo que leva este preambulo, a publicar uma serie de artigos em que havemos de expor e explicar muitos factos, pertencentes ás sciencias physico-chimicas e historico-naturaes, cujo conhecimento e applicações muito convém a todos hoje em dia.

É a variedade lei geral da natureza; seguil-a-hemos. Não esperem um tratado, um compendio, uma memoria. Esperem apenas um deleite ou antes muitos, se tivermos a felicidade de poder escrever ao gosto dos nossos leitores, pelas verdades que lhe tencionâmos revelar.

J. J. de Sousa Telles.

AS DOZE PEROLAS DO COLLAR

LENDA DAS ESCHOLAS CHINEZAS

(TRADUCÇÃO DE R. PAGANINO)

(Vid. pag. 150)

Os instantes voam como a frecha, as horas são rapidas como a lançadeira do tecelão, disse o immortal Nenuphar, o sublime Li-taï-pé, o grande poeta da China. Estava chegada a hora do *tsao-fan*, ou refeição da manhã. Yang convidou a sua visita a participar do modesto almoço, que se compunha, além do chá, acompanhamento inseparavel de todas as comidas, de um prato de milho miudo cozido, temperado com basilisco manso, e de uma salada d'aquella chicoria comprida, delgada e amarella, que os habitantes do celeste imperio chamam agulhas de oiro. O bonzo sentou-se á mesa, e descontente sempre, continuou a censurar a disposição do serviço, a qualidade do milho miudo e a escolha da salada. O mestre-eschola desculpou-se com os seus poucos meios, e fez quanto estava ao seu alcance para ver se satisfazia um homem tão difficil de contentar. Conservou porém a tranquillidade e a doçura, apesar da injustiça das censuras que lhe dirigiam. Vendo que tinha que atacar Yang n'outros pontos, para o obrigar a sair dos termos da sua moderação, o religioso budhaico, que parecia ter tomado a peito excitar a colera do mestre-eschola, fallou-lhe assim:

— Como é que eu não vejo em vossa casa nem uma imagem sequer do regulador dos dez mundos (Budha), ou de Khouan-in, o senhor contemplativo? Pertencereis por ventura a uma seita inimiga da minha santa crença? Acabando de proferir estas palavras levantou-se precipitadamente da mesa, como se quizesse fugir da casa de Yang, do mesmo modo que se foge da habitação de um empestado.

— Meu piedoso irmão mais velho, respondeu o mestre-eschola, depois de ter pedido com toda a ceremonia ao bonzo que tornasse a sentar-se, sou discipulo do Santo Homem (Confucio), o meu culto é o dos homens de letras. Mas será isso razão bastante para

que tão depressa me deixeis? Ha um grande numero de seculos que tres religiões vivem em paz no seio da flor central (imperio chinez); não poderão portanto dois homens que não professem os mesmos ritos religiosos viver por algumas horas sob o mesmo tecto? Bem sabeis que o pagode de Budha se ergue sem temor ao lado do templo dos discipulos do dogma do Caminho e da Virtude; e a Academia onde se tributam honras ao Santo Homem, que fundou a minha fé religiosa, não padece damno algum com a visinhança dos dois templos. Póde o mesmo logar ver-nos reunidos, visto que o mesmo sol nos illumina, e a mesma lei nos proteje.

— Ora eis-ahi, exclamou o religioso budhaico, o que eu chamo fallar como um sabio, e do que vos felicitaria se não respeitasse que repetis ào acaso palavras que outro proferiu. Se fosseis realmente dotado da elevada razão que quereis aparentar, terieis feito com que vos servisse para o vosso adiantamento nos graus litterarios. Em vez d'este titulo de bacharel, que é o mais inferior de todos, terieis concorrido para obterdes o grau de doutor? Como é verosimil que um homem de merecimento se conserve na baixa condição em que vos achaes, quando podia tentar ser admittido no numero dos olhos e ouvidos do Dragão (ministro no conselho imperial)!

O mestre-eschola respondeu sorrindo:

— Alimentar ambições no coração, disse o sabio, é trazer um tigre no regaço. Ha pouca prudencia em pretender aproximar-nos d'aquelle a quem o povo chama o augusto Orphão (o imperador, que é denominado assim por não poder reinar senão depois da morte de seu pai): o que ouve o trovão fica surdo, o que fita o sol vem a ficar cego, e a campainha de vidro não deve expor-se ás pancadas do martello de ouro.

Este homem é estupido por força, murmurou o mendigo, tendo cuidado porém de fallar alto bastante para que Yang o ouvisse. Não tem merecimento algum, accrescentou, e provavelmente nem serve para ensinar rapazes.

Como resposta unica a estas supposições malevolas, Yang, luz perfeita, convidou o seu hospede a entrar na aula, porque já o zumbido das vozes dos estudantes se deixava ouvir na rua, e a hora habitual dos trabalhos ia bater. O bonzo, seguindo sempre o seu systema de impertinencia, passou em primeiro logar e sem a menor ceremonia, e tendo chegado a meio do templo do estudo, foi sentar-se na cadeira do mestre, como se este o tivesse convidado.

A aula de mestre Yang era espaçosa e bem illuminada, os bancos dos estudantes, elevando-se uns sobre outros em degraus, formavam um pavimento triplo. Uma comprida mesa estava solidamente estabelecida diante de cada um d'estes bancos. Os logares dos discipulos estavam pois assim fixados segundo o costume; os primeiros pertenciam aos mais idosos, e não aos mais instruidos. N'este paiz, em que o direito de primogenitura se respeita em toda a parte, é a idade, e não o merecimento, que marca o logar, na eschola mesmo; mas por uma justa compensação, é o talento e não a idade que eleva o homem desde a ultima condição até aos logares superiores. O saber na China é tão honrado, que diante do joven instruido curva-se o velho ignorante, e quando lhe dirige a palavra chama-lhe sempre: seu irmão mais velho.

Tornemos porém á eschola de mestre Yang. Diante da porção do banco que cada um dos estudantes deve occupar, ha na mesa o que se chamam as quatro prendas do estudante: o pau da tinta, a pedra de moer a tinta, papel, e o pincel, feito com pello de lobo. Na parede, á roda da sala, lêem-se maximas extrahidas dos auctores classicos, como esta por exemplo: «A instrucção é o caminho e é tambem o apoio triplice do viajante (pernas e bordão)» Em fim no sitio mais notavel da classe, por cima da cadeira do professor, defronte da porta d'entrada, vê-se escripto em grandes letras o decálogo dos estudantes chinezes. Diz textualmente: «Não dividas o teu pensamento (não estejas distrahido); Não juntes confusamente as coisas (não sejas trapalhão); Não sejas preguiçoso. Não pratiques vãs interrupções (não interrompas inutilmente os trabalhos); Não falsifiques o teu pensamento (não mintas); Livra-te de numerosas palavras (não sejas fallador); Não faças inuteis saídas (permanece no teu logar); Não leias em alta voz. Conserva-te sentado convenientemente».

Haviam decorrido já alguns minutos depois que a voz dos discipulos se fizera ouvir na rua. Yang vendo que o religioso budhaico se sentára no logar que pretencia ao mestre, resolvêra modestamente sentar-se n'um dos bancos da classe; entretanto os rapazinhos ainda não appareciam.

— Que quer dizer isto? exclamou o bonzo com furor, a hora já deu e os discipulos ainda não entraram para a classe? Bem dizia eu, o mestre sabe tão pouco do seu officio, que nem teve geito sequer para ensinar pontualidade ás crianças.

— Sem parecer abalado com similhante reprehensão, Yang, luz perfeita, foi despendurar uma taboasinha, que pendia de uma das paredes da casa. N'esta taboinha havia muitos caracteres escriptos, pois continha nem mais nem menos de cem paragraphos. Era o regulamento official das escholas, redigido, havia seculo e meio, por Chin-Kching-Tin, o legislador moderno do ensino primario na China. Yang apresentou a tabella ao visitador e apontou-lhe para o artigo 24.° que diz: «Nos dias primeiro e decimo quinto de cada lua, os discipulos, antes de entrar para a eschola, comprimentar-se-hão respectivamente, e esperarão, á entrada da porta, os seus companheiros, que chegarem ultimos». Pela terceira vez manifestou o bonzo com um gesto a sua approvação, porque tudo era conforme a vontade do regulamento, visto que n'aquelle dia começava uma das vinte e quatro divisões do anno, era por consequencia dia destinado ás offertas quinzenaes dos discipulos ao professor.

Tendo-se por fim reunido todos os rapazes á porta do templo do estudo, dirigiram-se para a classe formados dois a dois. Chegando defronte de um painel com estes tres caracteres *Khoung-Fou-Tzè* (Confucio) inclinaram-se tres vezes diante do nome venerado d'aquelle que, havia tres mil annos, era o pai dos litteratos, o patrono das escholas, e o deus dos estudantes. Depois d'este triplice comprimento ao nome do santo homem, os discipulos de mestre Yang adiantaram-se silenciosamente, e com gravidade, para a mesa do mestre, a fim de deporem a offerta da quinzena. Foi então sómente que perceberam que outro tinha tomado o logar do seu sabio professor. A edade veneravel da pessoa que occupava o logar de honra, fez com que se não admirassem da substituição. Sabiam que, quando um estranho vem visitar uma eschola, o ceremonial exige que o mestre lhe ceda o seu logar, indo sentar-se humildemente n'um banco da classe.

Como se fosse o proprio Yang, começaram pois as crianças a offerecer ao bonzo pedinte, os presentes, que eram de uso em tal dia em todas as escholas do imperio. Estes uma certa medida de arroz ou de milho miudo, aquelles umas pitadas de chá, aquell'outros assucar ou especiarias, um pedaço de fazenda, ou algum utensilio caseiro: todos, em summa, alguma coisa, e cada um conforme as posses ou a generosidade de sua familia. Após os estudantes e fechando o cortejo, o bacharel Yang apresentou-se como qualquer dos discipulos a fazer tambem o seu comprimento ao estranho que se ostentava no logar alheio. Mas o professor não trazia prenda alguma; por isso o bonzo com um sorriso de ironia lhe disse:

— Ides faltar aos deveres da conveniencia, porque no dia de hoje o discipulo não deve apresentar-se diante da mesa do professor, sem deixar alguma coisa como offerenda, e vejo que nada tendes para apresentar.

— O meu piedoso irmão mais velho engana-se, replicou o mestre-eschola; trago a boa vontade do coração, que é a mais pura de tôdas as esmolas.

— É aquella tambem de que menos avaros costumâmos ser, porque nada custa ao que a dá.

— Talvez, acrescentou Yang, que acheis a offerta menos desprezivel, quando eu lhe tiver junto tudo quanto os meus discipulos me destinavam hoje. Então, apontando para os presentes de toda a classe, proseguiu:

— Isto é vosso. Um discipulo do santo homem não deve apropriar-se do que foi offerecido a um adorador de Budha.

O bonzo respondeu unicamente: acceito. E o signal para os trabalhos foi dado desdé logo.

Immediatamente a classe entra em grande actividade. O mendigo budhaico conserva-se no logar do mestre, em quanto o bom Yang participa modestamente do canto, que o seu discipulo mais velho costuma habitualmente occupar sósinho. Dos seus saquinhos de panno azul saíram todos os livros, bem como as lições do mez escriptas em folhas distinctas, mas atadas umas ás outras com um fio de seda. Todos lêem com o pensamento, ou copiam silenciosos n'uma folha de papel transparente os caracteres escriptos na pagina que serve de exemplar. O bonzo conserva diante de si o pausinho de tinta vermelha e o pincel de mestre Yang. Folhêa as lições que se hão de distribuir, e com um rapido toque de pincel marca as passagens em que o estudante deve mais particularmente deter a attenção. Á socapa tem estado o mestre-eschola examinando o estrangeiro que lhe occupa o logar; e a attitude d'este, a facilidade com que maneja a pedra de moer a tinta, a certeza do pincel, e a rapidez do exame, quando passa em revista o caderno das lições, perturbaram o espirito de Yang. Não é um frade ignorante que tem diante de si. Se o bonzo tomou conta do logar de honra, é porque realmente merece occupal-o. Todavia o bacharel não se atreve a manifestar a sua sopresa, nem mesmo a dar conta das suspeitas que o preoccupam, ao seu visinho, porque o regulamento official prohibe perturbar o trabalho do discipulo com palavras inuteis, e Yang cala-se porque deve aos outros o exemplo de respeito pela disciplina das escholas.

Chega a hora de recitar as lições aprendidas de vespera. Tem uma divisão da classe que desempenhar este dever, e por isso apresenta-se diante do religioso budhaico, como se este fosse o proprio Yang. Os estudantes estão no numero determinado, o de dez; apresentam-se na posição marcada, com as mãos pendentes e os olhos baixos, entretanto o bonzo encrespa as sobrancelhas e diz com colera:

— Confusão! confusão! Estas crianças estão tão mal educadas, que até ignoram a ordem que devem observar no acto das lições.

Mal proferia ainda as ultimas palavras, já o discipulo mais adiantado em idade d'aquella divisão se encaminhava para um canto da casa para procurar um feixesinho de varas de differentes tamanhos. Apresentou-as ao bonzo, e em quanto este as segurava, os dez estudantes tiraram successivamente e á sorte uma varinha, dispondo-se para responderem conforme o comprimento da que lhes coubéra. O bonzo por um simples baixar de cabeça mostrou que lhe agradava a ordem por que procediam, e em seguida começou a interrogar os discipulos. Havia tanta firmeza na sua palavra, corrigia os erros tão habilmente, fazia observações tão justas, citações tão exactas, que a cada momento a sopresa de mestre Yang ía augmentando, e o respeito pelo seu visitante subindo até á admiração.

As differentes divisões da eschola foram passando diante do bonzo, observando a mesma regra e conservando a mesma ordem. De repente porém, um caso veiu interromper a recitação, quando já estava proxima a finalisar. Um dos estudantes, indo a aproximar-se da mesa do professor, mudou rapidamente de direcção, posto que lhe tivesse chegado a sua vez de responder. O bonzo dirige um olhar irado para mestre Yang e diz-lhe:

— Com que lei se permitte ao discipulo não responder apenas o professor o chama á lição? Se foi preguiçoso, se é ignorante, não será fugindo ao castigo que consiga evital-o.

Yang, que comprehendêra a intenção do estudante, nem teve vergonha de si, nem medo de castigo para o seu discipulo, posto que n'esta reprehensão estivesse envolvida uma ameaça. Pela segunda vez foi despendurar a tabella onde estava o regulamento das escholas, e mostrou ao implacavel censor o art.º 39.º que tinha por titulo: *Respeito que se deve guardar para com os caracteres escriptos.* «Se algum discipulo vir no chão algum bocado de papel onde haja caracteres escriptos, trate de o apanhar e queimar o mais depressa possivel». E com effeito, em quanto o bacharel indicava o texto do regulamento, o bonzo seguia com a vista a criancinha que apanhára um pedaço de papel trazido pelo vento para a casa da aula. Tinha sido deitado á rua por inutil, continha apenas tres ou quatro caracteres insignificantes, e traçados unicamente para experimentar a flexibilidade do pincel; entretanto só estas palavras sem valor, foram bastantes para tornar o papel em que se achavam, respeitavel aos olhos de um estudante conhecedor de seus deveres. «Foi á invenção da escripta, escrevêra o legislador, que os homens deveram o estabelecimento das relações sociaes, e a fixação das leis; por conseguinte a escripta é sagrada». Por isso o discipulo, se se afastára do mestre, fôra para obedecer ás lições que tinha recebido. Tratou prestes de queimar o papel que apanhára no lume da caçoila dos perfumes, que se estavam queimando de contínuo diante do quadro de Confucio, e depois de cumprir este dever religioso, aproximou-se da mesa para responder ás perguntas que lhe quizessem dirigir.

(Continúa)

ENIGMA

